

Senadores criticam a ciranda financeira

Discurso do ministro da Fazenda recebeu críticas até dos políticos que apóiam o governo; eles não querem a volta da ciranda financeira como meio de atrair capitais estrangeiros

BEATRIZ ABREU

BRASÍLIA — O retorno da ciranda financeira, como mecanismo de atração de investimentos externos, foi um dos pontos mais criticados ontem pelos senadores Monsueto de Lavoura (PFL-PE) e Albano Franco (sem partido - SE), durante o pronunciamento do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, no plenário do Senado.

Cardoso admitiu que a "situação política" do País obrigou o governo a elevar as taxas de juros esta semana, mas assegurou que a política do presidente Itamar Franco é reduzi-las no médio prazo. Segundo o ministro, a equipe econômica estuda alternativas para conter o endividamento interno de forma a permitir a cobrança de taxas de juros menores. "Por enquanto, o que existe é uma queda-de-braço com o mercado, que só será vencida quando tivermos o tônico do ajuste fiscal."

Dividido entre explicar porque o governo não adotará "a paulada na inflação" antes da aprovação do ajuste fiscal e de que forma se fará uma queda nas taxas de juros, Cardoso não conseguiu mobilizar os senadores durante os debates: depois de três horas de sessão, ele era ouvido por não mais que uma dezena de parlamentares.

**RESERVAS
CAMBIAIS DE
US\$ 27
BILHÕES**

O presidente do Senado, Humberto Lucena, foi o primeiro a sair do plenário antes do final do pronunciamento. Em seguida saíram os líderes do governo no Senado, Pedro Simon, e na Câmara, Roberto Freire. O discurso foi político e fez um apelo para que os parlamentares aprovem o ajuste fiscal, iniciem os trabalhos da revisão constitucional e dêem condições para que o governo possa estabilizar a economia.

Cardoso repetiu a mesma tecla: é preciso o ajuste fiscal e, ao mesmo tempo, que os políticos tenham um debate mais racional que emocional. "Sem o ajuste, não há milagre duradouro", insistiu. Segundo ele, a questão das taxas de juros deve ser analisada "no contexto e no tempo".

O ministro explicou aos parlamentares que o aumento dos juros em setembro foi uma decisão do governo para "reverter" especulações com estoques e com as cotações do dólar. Na semana passada, as taxas foram elevadas para que o governo pudesse rolar títulos da dívida pública de mais de US\$ 2 bilhões.

Reservas — Cardoso disse que as reservas cambiais do País atingiram em outubro US\$ 27 bilhões no conceito de liquidez internacional e US\$ 20 bilhões no conceito de caixa.

José Paulo Lacerda/AE



Franco: críticas ao ministro

José Paulo Lacerda/AE



Cardoso promete reduzir juros

"NÃO" DOMINA DISCURSO

O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, começou seu discurso de ontem afirmando: "Não é sem emoção que volto a ocupar hoje a tribuna do Senado Federal" e, a partir daí, citou várias vezes a palavra *não*:

- Não houve disparada da inflação, contra todos os prognósticos.
- Não existe nenhum fator que pressione a inflação até o final do ano.
- A Constituição de 88 não errou ao vincular mais gastos federais à área social. O erro foi não criar condições de financiamento para esses gastos.
- Não se cogita na dolarização.
- O governo não pretende extinguir o Ministério da Integração Regional.
- Não queremos recessão.

■ Infelizmente, juros não obedecem a vontade do ministro.

- Não basta supor que com salários melhores, tudo se resolverá.
- O governo não está parado.
- Não faltam competência e disposição à equipe econômica do governo.
- Não existe uma greve sequer no setor privado.
- Não somos ingênuos de pensar que o objetivo do crescimento sustentado esteja garantido.
- Este governo não diz que fará o ajuste fiscal.
- Não deve pairar dúvidas sobre o tipo de estratégia a ser seguida para o Brasil ultrapassar suas dificuldades.